

Um homem

*Carlos Roberto Martins Rodrigues**

Na hora em que escrevo - o frio do calor da natureza de Guaramiranga ainda na pele e nos olhos - as notícias dão conta da irreversibilidade do quadro clínico de Mário Covas. O bravo governador de São Paulo, que sabe assumir o certo na hora certa, dá a nós outros, pobres mortais como o dirigente dos bandeirantes, o exemplo de quem sabe viver com dignidade as vicissitudes da vida e da política. E não tem medo de mostrar a todo mundo o terrível medo de morrer. De partir para o desconhecido, onde ninguém garante possa esgrimir a inteligência, a sensibilidade, a coragem, para se sair bem. Por maior que seja a fé numa outra vida, que seria a verdadeira, face a face com Ele, que cria e pode tudo, todos trememos diante do inexorável. Do futuro que não se pode conter nem dominar. Nem construir ao nosso modo e gosto. Então, pensando em tudo isso, lamentando e orando para que o Governador não sofra tanto, que receba, em qualquer circunstância, a piedade de Deus, fico me lembrando dele nos idos de 1967/68. Era, na época, líder do MDB, uma agremiação política dos que tinham coragem de se opor, de lutar contra a opressão, de acender a luz no meio das trevas loucas, que devoravam o que de bom havia no País. Partido político que deixou herança sem sucessores. Lembro-me dele lá no apartamento de meus pais. Entre um cafezinho e outro, trocavam idéias, informações, estabeleciam estratégias, arquitetavam os lances da luta democrática, que deveria continuar, quaisquer que fossem as circunstâncias depois da bravura da Câmara, negando a licença para processar o Deputado Márcio Moreira Alves, autor de um discurso que ninguém percebeu, mas que serviu de pretexto para o golpe definitivo nas insti-

(*) Advogado

tuições políticas. Em nenhum momento era possível vislumbrar nas fisionomias de um Mário Covas, um Martins Rodrigues (então, secretário-geral do PMDB) e poucos outros ar de derrota, desânimo ou desejo de ensarilhar as armas, partir para a comodidade da adesão ao poder ilegítimo e imposto, e tão cheio de encantos para os fracos da época. Que todas as épocas têm os que não resistem às benesses do domínio político... Cassados e presos foram os dois, no mesmo dia, pelo mesmo ato, conviventes da mesma cela, ao lado de Sobral Pinto, de Edgar da Matta Machado e do jornalista Carlos Castello Branco, o Castelinho que glorificou a crônica política. A prisão foi incomunicável, mas não impediu, aos encarcerados, o prazer da sadia convivência. Os depoimentos iniciais passaram de vinte horas seguidas, cada um. Em nenhum instante, voltaram atrás nas suas convicções. Uns já chegados à terceira idade (eufemismo caridoso da velhice), outros mal ultrapassada a juventude, mal chegada a maturidade.

Eram e são homens que não precisam voltar, porque jamais partiram, tão fortes os exemplos deixados de patriotas distantes da demagogia, mas cheios de amor pelo coletivo. Foram e são singulares. É assim que revejo sempre Mário Covas, um homem, de verdade.